Numero 78 — Domingo 22 de Julho de 1883 — Anno 2.º

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO: anno (50 n.os) 1$000 rs.; semestre (25 n.os) 500 rs.
FÓRA D'AVEIRO: anno (50 n.os) 1$125 rs.; semestre (25 n.os) 570 rs.
BRAZIL, (moeda forte) e Africa oriental, anno... 1$500

Publica-se aos Domingos

As assignaturas devem ser pagas adiantadas

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Na secção dos annuncios: cada linha 30 rs.
No corpo do jornal: cada linha 60 rs.
Numero avulso 30 rs.
Redacção e administração — rua Direita.

AVEIRO

DEPOIS DAS FESTAS

II

Estamos em maré cheia de prosperidades, gosamos o fructo opimo das leis mais liberaes do mundo, dizem os festeiros do Porto no auge do seu affecto monarchico e no enthusiasmo da sua rhetorica realista.

Nós, na serenidade do nosso modesto posto de jornalista do povo, vamos tambem dizer aos que nos lerem as liberdades que gosamos sob o dominio do systema que o Porto engrandece tanto, que não terá d'aqui a pouco rhetorica que o defina, nem trombetas que o apregôem, nem bandeiras que o enfeitem, nem foguetes que o immortalizem.

E ai do systema monarchico, se os patriotas da «Liberal» do Porto lhe fogem com o seu possante auxilio, com os seus arcos de papelão e os seus morteiros de dynamite! Onde irá refugiar-se a magestade, se nos seus dias de tristeza, lhe faltarem as festas espectaculosas do Porto?!...

Contra ellas se insurgem tambem os progressistas despeitados. É que estão sem o penacho, e ja lhes parece tempo de o retomarem...

Deixemos porem, estes incidentes, pequenas notas comicas do viver desmanchado da familia monarchica, e vamos aos factos. Temos todas as liberdades, não ha duvida e tão bem garantidas que faz gosto ennumeral'as.

Liberdade de imprensa?! Boa liberdade e por tal forma mantida que se atropelam as leis, sempre que seja preciso perseguir acintosamente os jornaes democraticos, ordenando intimações illegaes e pondo de parte as mais simples formulas do processo para os abusos da imprensa.

Liberdade de reunião e de pensamento?! Bom modo de as garantir, acabando com as conferencias do Casino, onde ha annos se discutiam assumptos philosophicos e questões sociaes, e mandando dispersar ainda hontem os comicios, convocados ao abrigo das suppostas prerogativas dos cidadãos para o exercicio da soberania em que lhes fallam os monarchicos quando querem fazer alarde das suas «leis liberaes.»

Liberdade de consciencia?! Temo'la de tal forma que, em religião, cada um disfructa a liberdade de obedecer ao Papa e receber o catholicismo como ideal das crenças intimas. Em Portugal quem não fôr catholico, é um pária, é um estrangeiro; politicamente não existe, como ja o disse algures um escriptor contemporaneo.

De facto, é-lhe defeso o accesso aos empregos publicos, não o admittem no parlamento, não o toleram nos tribunaes. E, embora a tal «carta d'alforria» diga «que ninguem pode ser perseguido por motivos religiosos», por mais d'uma vez alguns cidadãos portuguezes hão sido incommodados e processados por não se prestarem ao juramento catholico.

Se os liberaes do Porto, ou, antes se os bons festeiros da «Associação Liberal» abrem a bocca diante d'estas liberdades e deitam foguetes e dão vivas ao rei «por caber a sua magestade e ao seu felicissimo e liberalissimo reinado» (vide allocução da «Associação Liberal») a maxima parte na prosperidade d'este paiz, nós diremos ao povo que não se deixe illudir por estas «cantatas» armadas a uma popularidada postiça e repassadas d'um patriotismo que cheira a syndicatos e a corretagem de empregos publicos, um patriotismo verdadeiramente accommodado á epoca da desmoralisação e cynismo que atravessa a politica monarchica, a ponto de fazer escrever aos seus jornalistas mais auctorisados, que o unico partido que um homem honrado tem a seguir, no meio d'esta podridão geral, é pegar no chapeu — se antes d'isso não lh'o roubarem — e retirar-se para caza.

Continuaremos.

Albano Coutinho.

EXPERTESAS

O edital, que o sr. Manuel Firmino d'Almeida Maia, cavalleiro da Legião de *Honra* (!) e presidente da camara municipal do concelho d'Aveiro, acaba de mandar affixar nas esquinas tomando providencias contra o desenvolvimento do cholera, é mais um documento provador da habilidade chicaneira d'aquelle famoso politico. Pois quê! O cholera atreve-se a ameaçar-nos? Que venha, que o sr. Manuel Firmino cá o espera de lança em riste, qual outro cavalleiro ousado da edade media.

Não tenhas medo, Zé pagante. O sr. Manuel Firmino é um homem ás direitas. Olha lá como elle tomou providencias a correr contra o desenvolvimento do flagello terrivel!

Mas providencias no papel, segundo o costume, para ludibriar o pateta do povinho d'Aveiro, que fica de bocca aberta a admirar o grande homem.

Se o presidente da camara d'esta terra tivesse bastante pundonor, não publicaria aquelle edital que o condemna abertamente.

Toda a gente conhece a campanha energica, que temos sustentado em favor da salubridade d'Aveiro. Bastantes vezes temos censurado o sr. Manuel Firmino, sem que o sr. Manuel Firmino nos queira ouvir, fazendo como de costume ouvidos de mercador.

Pois bem. O mesmo senhor acaba de resuscitar uma Portaria de 3 d'agosto de 1865, cujo artigo 1.º impõe a obrigação de:

Limpeza rigorosa das ruas, praças, mercados, saguões, caes, boqueirães e canos de despejo.

Soberbo! E nós a gritarmos contra aquelle maldito caneiro, foco d'immundicies nojentas, donde se evolvem miasmas terriveis, vergonha d'uma cidade, e o sr. Manuel Firmino a rir-se de nós. A pedirmos-lhe que mande fazer um cano geral na rua de S. Martinho para receber as aguas fedorentas dos domicilios, e a brincar comnosco. A apontarmos-lhe as latrinas perigosas para a saude publica, e elle sem fazer caso algum. A dizermos-lhe que se tira estrume de dia das casas particulares, e elle a encolher os hombros.

Como se atreve o presidente da camara a impôr á população condicções hygienicas, quando elle é o primeiro que as não cumpre, com desprezo flagrante de mais a mais das reclamações da imprensa?

Antes de publicar esse edital, deveria mandar proceder á limpeza d'aquelle immundo caneiro, sepultura de quantos gatos e gallinhas morrem na terra, deposito de mil porcarias, que os garotos, bem insolentes, seja dito de passagem, revolvem e espalham pelas ruas, como ainda ha dias succedeu á vista do autor d'estas linhas. Deveria fazer cumprir as posturas municipaes, não permittindo que os lavradores tirem o estrume das casas quando lhes vem á cabeça, nem tolerando latrinas mal collocadas, nem mil irregularidades que sua excellencia admitte por causa dos votos.

Vá á rua dos Marnotos e diga-nos se aquillo é rua digna d'uma cidade civilisada. Vá á Praça do Pão, que lá encontrará duas sentinas a infeccionar aquelle ponto. Outra immundissima, indecente mesmo, a vêr-se da rua, encontrará na rua das Barcas, se se dér ao trabalho de passar por alli, e bem assim outra no largo da Vera Cruz.

Vá á Rua de S. Martinho, admire aquella belleza que sahe dos canos das casas particulares e diga-nos se quer que os proprietarios d'essa rua mandem construir o cano geral á sua custa.

Vá!... Não vá, não. Demais conhece V. Ex.ª tudo isso. Para que havemos de estar a perder o nosso tempo? Os povos teem as administrações que merecem.

Não ha muito, censuravamos aqui o facto de se estar tirando estrume de dia n'uma casa alli para os lados de S. Braz.

Esta semana, passavamos ás 8

---

(4) Folhetim

DISCURSO

PRONUNCIADO NA CAMARA DOS SRS. DEPUTADOS DO IMPERIO DO BRAZIL

Na sessão de 16 de julho de 1880

Pelo snr.

Saldanha Marinho

Entrarei no segundo ponto da minha interpellação.

E' elle:

«2.º Está disposto a permittir a entrada no Brazil de jesuitas e padres de ordens semelhantes presentemente expulsos, directa ou indirectamente, de diversos paizes da Europa?»

Sr. presidente, sou o primeiro a reconhecer que esta questão é gravissima.

Deixar, porém de agital-a, e quando estamos ameaçados de funestissimos effeitos pelo acolhimento que possam ter entre nós os mais audazes e insidiosos inimigos da liberdade publica; seria faltar covardemente ao meu dever. Não se diga jámais que nesta occasião, e quando todos os paizes cultos se agitam no empenho de se libertar da horda de sicarios que, sob a capa da religião e em nome de Jesus, tanto as teem prejudicado, ninguem levantou a voz para prevenir os males de que nosso futuro está ameaçado.

De ha muito que, pela uberdade do nosso solo, pela fraqueza e criminosa desidia dos nossos governos e pelo atraso mesmo de nosso povo, os jesuitas lançam as suas vistas sobre esta parte da America, para ahi restabelecerem o seu desejado dominio.

Agora que a França os repelle de novo, que a Belgica os condemna e que nem na Italia podem ter guarida, elles procurarão aninhar-se no Brazil, onde a falta de energia e de cautelas dos poderes publicos, os animará a estabelecerem-se.

Nesta gravissima conjunctura eu não posso deixar de interpellar o governo, para, ao menos, conhecermos o animo em que se acha e como aprecia esta importantissima questão.

Trata-se do futuro do nosso paiz trata-se de preservar as futuras gerações da maior das desgraças que as podem affligir. Trata-se da admissão dos jesuitas em o nosso territorio e sob qualquer apparencia ou debaixo de qualquer fórma que seja.

Sr. Presidente, pronuncio-me contra o jesuitismo, porque detesto essa ordem e detesto-a pela sua historia, detesto-a pelos seus feitos, detesto-a pela sua tenebrosa politica e pela sua perversidade.

E muito me contenta a harmonia de pensamento em que me acho com o meu distincto amigo o Sr. ministro de estrangeiros. Praz-me repetir nesta solemne discussão as doutas palavras de S. Ex.ª, palavras que lhe foram dictadas pelo patriotismo, e que éu as guardarei sempre em memoria, Eu, pois, direi com elle:

«Combato o jesuitismo, appareça como apparecer, venha elle com o burel de capuchinho, ou com a batina do lazarista ou com a touca branca da irmã da caridade...»

O Sr. Lourenço de Albuquerque:—Rhetorica da mocidade.

O Sr. Saldanha Marinho:— Rhetoria do patriotismo, rhetorica de quem, livre de suggestões, diz lealmente o que pensa e exprime com franqueza as suas convicções.

«Combato os jesuitas, disse ainda S. Ex.ª, em nome da liberdade que elles maliciosamente invocam; porque, a liberdade depurada pela democracia do seculo XIX, não permitte a depravação latente com que minam as bases da socidade e aniquilam o espirito dos povos.»

O Sr. Joaquim Nabuco:—Bonitas palavras!

O Sr. Saldanha Marinho:—Eu que acceitei e acceito estas palavras, que me enthusiasmaram quando as ouvi, neste mesmo logar, palavras, que hão de ser sempre lembradas com prazer por todos os brazileiros livres, não posso deixar de me congratular hoje com S. Ex.ª, que, com assento nos conselhos da corôa, deve fazer effectivo o seu pensamento em materia tão momentosa.

O Sr. Barros Pimentel:—Esses discursos firmaram a reputação parlamentar de S. Ex.ª

O Sr. Joaquim Nabuco:—Pelo que foi quasi queimado em effigie.

O Sr. Joaquim Serra.—Este discurso foi respondido pelo Sr. Janqueira que depois prendeu os bispos.

O Sr. Saldanha Marinho:—Senhores, eu disse ha pouco, que não podemos estar á mercê da vontade de qualquer pontifice e expuz exemplos frisantes do que é o pontificado corrompido.

E' bom ter em memoria que os jesuitas perverteram sempre os papas de cujos animos se apropriaram. Os poucos honestos e dignos que se sentaram na cadeira de S. Pedro foram victimas dos odios dessa nefanda congregação.

O Sr. Monte:—Não apoiado, é questão de historiador.

O Sr. Saldanha Marinho:—Relato o que nos dizem os historiadores imparciaes.

O Sr. Ruy Barbosa:—O nobre deputado («dirigindo-se ao sr. Monte») lê a historia preparada pelos jesuitas.

O Sr. Jeronymo Sodré:—Mesmo pelos protestantes; V. Ex.ª conhece a historia de «Rankee»?

O Sr. Ruy Barbosa:—E' um systema organisado desde o cathecimo. («Ha outros apartes»).

O Sr. Saldanha Marinho:—O nobre deputado nega o que eu já disse sobre Gregorio I que mandou incendiar a bibliotheca de Omar, sobre Gregorio VII e outros?

O Sr. Monte:—Questão de historiador.

O Sr. Jeronimo Sodré:—Era rei de Roma.

O Sr. Saldanha Marinho:—Era rei de Roma para isto; para affligir-nos e intromettere-se nos negocios do Estado, rei dos reis e supremo arbitro do mundo! («Apartes») V. Ex.as hão de chegar á minha doutrina.

O Sr. Monte:—Ou V. Ex.ª á nossa.

O Sr. Saldanha Marinho:—Ha de haver tempo em que V. Ex.as proclamem que o Papa é unicamente bispo de Roma. («Apartes») Nem V. Ex.as mesmo supportarão afinal o jugo feroz do homem infallivel e ao mesmo tempo intolerante.

Deixemos isto e vamos á questão de que ora me occupo.

Sabemos o que acaba de acontecer em França e na Belgica.

Sabemos que muito breve, mesmo nos paizes onde a liberdade plena de cultos é permittida, hão de ser postos fóra dos respectivos territorios, esses homens funestos, esses sedentos de riquezas e de poder, esses algozes da liberdade humana.

Senhores, quando vemos terem sido extinctas as ordens dos jesuitas, em diversos paizes, e logo após, e á primeira opportunidade, resurgirem elles, mudando apenas de habito, trocando a roupeta pela batina, como lazaristas ou sob outra diversa denominação; quem accreditará que sem pensamento politico, mas em simples officio de caridade, se dirigem?

O jesuitismo, longe de ser uma profissão essencialmente religiosa, é ao contrario uma instituição de politica tenebrosa. A tenacidade de seu procedimento é a prova mais cabal d'isso.

E' pela politica que elle renasce sempre das suas proprias cinzas. Se a França na sua revolução memoravel os expelliu nem por isso elles a deixaram.

Politicos do punhal, do veneno, da traição e da intriga, politicos cuja força principal está no confissionario, politicos infensos absolutamente á liberdade dos povos, são elles o mais forte amparo do absolutismo.

Ainda nenhum despota deixou de usar opportunamente do poder do clericalismo ultramontano, que é o jesuitismo de hoje.

Napoleão, que concorreu durante a republica para a expulsão d'essa horda preversa, foi quem os protegeu depois e se lançou nos braços do clero ultramontano, apenas planejou, perjurando e faltando á sua palavra, transformar o consulado em imperio.

Os que admittem, directa ou indirectamente, os jesuitas no Imperio, manifestam sua tendencia para o absolutismo futuro d'esta terra; os reis bem intensionados não os admittem. O throno que ampara o jesuitismo descobre desde logo o seu intento de absorver todos os poderes do Estado.

Desde a sua instituição os jesuitas manifestaram os planos de sua perfida politica. Apenas organisada a companhia de Jesus, foi ella condemnada.

Em 1534, fundou a Ignacio de Loyola; e em 1540 approvou-a uma bella do Papa; em 1542 verificou-se a sua primeira expulsão!

Em 1542 chegaram a Paris 16 jesuitas; convictos de terem perturbado a paz publica, foram lançados fóra da cidade.

Em 1554 o parlamento de Pariz os repelliu.

Em 1570, a rainha Elisabeth, de Inglaterra, ordenou que elles fossem banidos de seus estados.

Em 1578, foram expulsos de Anvers e repellidos do reino de Portugal.

Em 1594, «o preboste» do commercio, os vereadores, a universidade e os administradores dos hospitaes de Paris reuniram-se para pedir a expulsão dos jesuitas. A petição foi enviada ao parlamento com esta apostilla: «Seja esta seita inteiramente exterminada».

N'esse mesmo anno de 1594, um decreto do parlamento ordenou aos jesuitas que deixassem a cidade de Paris e todas as mais em que tinham residencia, como corruptores

horas da noute pela mesma casa, que é a do sr. Manuel Ferreira de Souza, magnate progressista e presenceamos o mesmo espectaculo. Isto é, não fizeram caso de nós. Então ouçam as verdades.

Na citada Portaria de 3 d'agosto de 1865 lê-se no art. 6.

Rigorosissima escolha das rezes que devem sêr abatidas no matadouro e conservação d'este edificio no maior estado de limpesa.

Irrisoria cousa! O matadouro de Aveiro é porquissimo. E' modêlo como estabelecimento anti-hygienico.

—Não ha dinheiro, exclamam os partidarios da camara. Qual não ha dinheiro? Seja a camara rigorosa na applicação da lei, sem compadrios; trate de cobrar á risca os impostos que lhe pertencem, sem medo de perder eleições e veremos depois se ha dinheiro ou não ha. Esbanjamentos por um lado, compadrios e desleixos pelo outro dão seguramente com a camara em pantana.

Ha tartufos que nos accusam de dizer mal de tudo. Mas quem nos contesta, quem nos contestou jamais? Ninguem. Logo, se dizemos mal de tudo é porque tudo está podre.

Permaneceremos n'este ponto, com a certeza de estarmos prestando verdadeiros serviços a Aveiro.

O CHOLERA

Esta terrivel molestia, que n'este momento devasta com extrema violencia as populações do Egypto, ameaça invadir a Europa. Os governos tomaram contra o cholera rigorosas medidas preventivas, mas é bem possivel que não sejam efficazes.

E' verdade que a Italia, Turquia, Russia, Austria, Allemanha, França, Portugal etc fecharam os seus portos ás procedencias do Egypto. Porem, de que vale isso se a Inglaterra abre as portas aos habitantes e productos egypcios que, sendo transportados d'alli para os *outros paizes da Europa*, levam comsigo o contagio horroroso?

A Inglaterra está mais uma vez demonstrando ao mundo que é uma torpissima nação, indigna do respeito dos povos civilisados. Para ella só ha o interesse egoista e covarde, que, se a tem elevado a grandes alturas por culpa d'uma tolerancia criminosa da Europa, tambem a pode precipitar n'um profundissimo abysmo.

A hora da justiça sôa para todos, individualidades ou collectividades, e pelo que toca á Gran Bretanha já ella se demora demais.

No anno passado, a imprensa democratica portugueza levantou-se a fulminar o procedimento criminoso dos inglezes no Egypto, sendo seguida n'essa campanha energica pela maioria do paiz. Então, só os granjolas, condemnados coitados a esmurrar a cabeça em todas as circumstancias, ousaram defender a Inglaterra.

A democracia combateu o acto violento da Gran Bretanha esmagando um povo infeliz que reclamava a liberdade, que pugnava pelos seus direitos, que pretendia repellir a ultrajante tutella estrangeira, que, esmagado pelo despotismo tradiccional dos khedivas, se atrevia a impôr a sua soberania. Estygmatisou a infamia ingleza, que arrasava a populosa e rica Alexandria e occupava o canal de Suez contra todos os principios e direitos, apenas para satisfazer a sua sordida ambição. Desmascarou, emfim, a Inglaterra, que dizendo-se libertadôra do Egypto, e defensôra das garantias internacionaes só pretendia conquistar um grande paiz, onde se queria estabelecer definitivamente.

Assim aconteceu. A Inglaterra commetteu um novo crime de lesa humanidade. Conquistou um povo, que espesinhara com extraordinaria cruesa, levando-lhe a fome e a guerra. Para completar a famosa trindade dos horrores faltava a peste.

A peste lá está finalmente e foi a Inglaterra que a levou, de proposito ou não, o que falta averiguar.

Não accusâmos gratuita ou levianamente a *nossa fiel alliada* de tão nefando crime. Os factos são incontesveis.

Parece provado que o cholera, que assola o Egypto, é o cholera asiatico. Trouxe-o um navio inglez. Ora a Inglaterra, hoje domna do Egypto, conhece perfeitamente as pessimas condições hygienicas das cidades egypcias, a porcaria lendaria do povo d'aquelle paiz e a facilidade com que, em virtude d'isso, o cholera alli se desenvolve. Porque não tomou, pois, medidas energicas contra a terrivel epidemia? Porque o não quiz. Talvez aquillo lhe seja agradavel. Quanto mais egypcios morrerem, tanto mais segura é a sua dominação.

Se o cholera é endemico, se se originou no proprio Egypto, ainda é a Inglaterra a culpada d'esse facto. As condicções hygienicas do paiz nunca foram tão más como este anno, que o governa a Gran Bretanha.

Em Mansurah era tão grande a porcaria accumulada nas ruas, que o cheiro terrivel que exhalava sentia-se a dez leguas de distancia. N'essa mesma terra não havia medicos nem pharmaceuticos.

O canal que leva agua a Damietta está cheio de immundicies repellentes, como cadaveres d'animaes de toda a especie. E o povo bebia aquella agua pôdre!

No Cairo e Alexandria, succede quasi a mesma cousa.

«As condicções sanitarias, escreve um correspondente d'Alexandria para um jornal inglez, são horriveis. A autoridade egypcia está sem meios de soccorros e crê que a vigilancia sanitaria pertence ás tropas inglezas.

A agua e os canaes estão em pessimas condicções. Os viveres estragados que se lançam á rua são comidos pelos pobres!»

Eis ahi a que chegou um paiz administrado por uma gente que o *foi salvar!!!*

E' pois innegavel que toda a responsabilidade do cholera cahe sobre a Inglaterra. Mas a *nossa fiel alliada* não contente com dar cabo da vida dos egypcios, tambem quer dar cabo da vida dos europeus. Sabendo que a epidemia difficilmente se desenvolve na Inglaterra, franqueia-lhe os seus portos importando-lhe pouco a existencia dos outros. E' infame, e não devemos tolerar que se mangue comnosco assim. Revolte-se a opinião publica e imponha aos governos a obrigação d'isolar a Gran Bretanha dando por suspeitas todas as suas procedencias.

Admira-nos que a imprensa tenha permanecido indifferente a este facto. Pois bons serviços haveria prestado se pelas suas insistencias obrigasse o gabinete a cumprir o seu dever.

Façâmos propaganda energica contra a Inglaterra, que o caso é grave. Ou ella se fecha completamente ás procedencias egypcias ou nós nos fechamos a ella.

A saude publica está acima de tudo. Que nos deixe ao menos tranquillos a tal respeito essa nação, que nos tem explorado cruamente. Que leve a bolsa, mas que nos deixe a vida.

* * *

O cholera é um envenenamento. O veneno, causa do mal, é desconhecido ainda na sua natureza intima. Sabe-se que provem do solo, que se propaga na terra e que as condicções do ambiente influem na sua propagação. Se a constituição physica do solo, donde o veneno colerico tira a sua origem, é ainda um segredo para a sciencia, as condicções atmosphericas favoraveis ao seu desenvolvimento estão rigorosamente indicadas.

O flagello ataca com violencia, desde a mais remota antiguidade, os habitantes do grande Delta formado pelo Ganges e o Brahmaputre na sua embocadura no golfo de Bengala.

E' conhecida a insalubridade do valle inferior do Ganges: o rio desagua por uma multidão de canaes arrastando detritos imfectos, como cadaveres de todos os animaes, incluindo o homem, que se espalham em vastos lagos estagnados.

Os calores torridos d'aquellas regiões, a miseria da população desenvolvem o cholera que faz alli estragos horriveis.

As grandes peregrinações musulmanas ás cidades santas da Asia são um formidavel vehiculo da epidemia. Tres ou quatro dias apoz a chegada dos peregrinos a doença declara-se, faz logo um numero avultado de victimas e corre com a rapidez do raio.

Foi em 1823 que o cholera entrou pela primeira vez na Europa, passando por Astara, no Caucaso, depois de haver devastado Calcuttá, Madrasta, Nafapoor, Costa de Bombaim, Ceylão, Caromandel, peninsula de Malaca, Birmania, Araucania, Ava, ilhas de Sumatra, Mauricia Bourbon, Java, Borneo, Filippinas, Manilla, Batavia, Macassar e Madura, Arabia, Persia e Syria.

Desde 1823, em que chegou á fronteira européa, até 1829 conservou-se estacionario. N'este anno continuou o seu caminho entrando em Moscow, Russia, a 20 de setembro de 1830. Em dois meses morreram n'aquella cidade 4:383 cholericos. Em 14 de abril de 1831 appareceu em Varsovia; em agosto d'esse anno matou 1:400 pessoas em Berlin e 2:000 em Vienna.

A 27 de janeiro de 1832 surgiu em Edimburgo, Inglaterra, e a 10 de fevereiro em Londres.

A 15 de março entrou em França por Calais, fazendo a sua entrada triumphal em Paris a 26 do mesmo mez. Em seis mezes morreram na capital franceza 18:406 pessoas. De Paris passou a toda a França.

Em 1848 houve segunda epidemia cholerica na Europa, seguindo com pequena variante o mesmo itinerario que da 1.ª vez. Em nove mezes matou em Paris 16:165 cholericos. Alli tornou a apparecer pela terceira vez em 1853 matando 9:219 pessoas. Quarta vez ainda invade a pobre França, dizimando em Paris nos annos de 1865 a 1867 12:000 individuos.

Portugal não escapou ao monstro. Duas vezes as nossas povoações se cobriram de crepe. A mortalidade foi grande em varios pontos, incluindo Aveiro, que viu cahir muitos dos seus filhos.

Oxalá que não volte o cataclismo horroroso!

* * *

A epidemia percorre o Egypto d'um extremo ao outro, sendo provavel que ataque a Europa. E' conveniente, portanto, estar prevenido.

Do relatorio da commissão da Sociedade de medicina publica de Paris extrahimos os seguintes conselhos hygienicos:

Hygiene individual

Precauções que se devem tomar em estado de saude.

Evitar fadigas exageradas, excessos de trabalho e prazer, banhos frios e de duração demasiada, não deitar muito tarde; tudo, emfim, que possa produzir enfraquecimento.

O arrefecimento do corpo, sobretudo durante o somno por estarem as janellas abertas, fatos muito leves á noute depois d'um dia de bastante calor, beber grande quantidade d'agua fria são particularidades perigosas em tempo de cholera.

E' bom evitar toda a irregularidade de regimen e toda a indegistão.

O uso d'agua de má qualidade é uma das causas mais communs do cholera. A agua dos poços, dos rios, dos pequenos regatos está muitas vezes adulterada por infiltrações do solo, das latrinas, dos canos d'esgoto e por residuos de fabricas. Quando se não tem a certeza da boa qualidade d'agua que serve na cosinha ou para beber, convem fazer ferver diarimente uma certa porção de litros para consumo do dia immediato, porque a ebullição tira-lhe os inconvenientes.

E' preciso renunciar aos poços completamente em tempo de cholera, a fructa deve sêr comida com moderação e ainda assim a bem madura e de boa qualidade.

Os legumes devem sêr bem cosidos. Os rabanetes, pepinos etc são perigosos.

Reconheceu-se em todas as epidemias do cholera, que os excessos de bebidas e a imtemperança favorecem em alto grau os ataques da doença. Muita gente julga preservar-se do cholera bebendo uma porção desusada d'agua ardente e bebidas alcoolicas; não ha nada mais perigoso do que isso.

Os gelados tomados em plena digestão, ou quando o corpo sua podem provocar indisposições favoraveis á doença.

Hygiene publica

1.º *Aceio de casas e ruas*—Conservação dos detritos organicos em caixas hermeticamente fechadas e desinfectadas, se for preciso, por meio d'uma solução d'acido sulfurico; despejo diario d'esses detritos; vigilancia rigorosa sobre as estrumeiras e canos interiores das casas; obrigação formal de lançar n'esses canos materias desinfectantes, postas á disposição do publico pelo commissariado de policia; execução rigorosa das prescripções relativas aos domicilios insalubres etc.

2.º *Lavagem e desinfecção dos canos publicos.*

Multiplicação de reservatorios analogos aos que existem junto aos mercados; lavagens frequentes das sargetas por meio de liquidos antisepticos

---

da mocidade e inimigos do rei e do estado.

Em 1598, foram forçados a sair da Hollanda, convictos de «terem mandado assassinar» o principe Mauricio de Nassau e perturbado a ordem publica.

Em 1604, o cardeal Borromeu mandou-os expellir do collegio de Broda e o papa Paulo V fulminou uma condemnação contra a ordem de Loyola.

Em 1605, o Rev. padre Garnet, superior dos jesuitas em Inglaterra, e seus acolytos, foram enforcados em Londres como auctores reconhecidos da «conspiração da polvora», que tinha por fim fazer ir pelos ares o parlamento, a rainha e os ministros.

Em 1606, o senado de Veneza expulsou-os da republica, por haverem abertamente violado as leis.

Em 1611, a 22 de Setembro, o advogado geral Servin, em sua requisitoria contra os jesuitas, denunciou-os por intrometterem-se nas casas, afim de influenciar os crentes e surprehenderem os segredos, e por se envolverem nos negocios e d'elles se aproveitarem, tudo sob o pretexto de encaminhar as almas á gloria do Omnipotente.

Em 1618— foram elles expulsos da Bohemia como perturbadores da paz publica.

Em 1619—foram pela mesma causa banidos da Moravia.

Em 1621—foram lançados da Polonia, convictos de terem suscitado a guerra civil.

Em 1631—elles que tinham tentado explorar o Japão, causaram perturbações tão serias, que foram expellidos immediatamente, e assim restabeleceu-se a paz.

Em 1643—foram repellidos da ilha de Malta.

Em 1723—um decreto formal de Pedro—o Grande—os fez sahir de todas as provincias do império Russo.

Em 1741—Bento XIV, por bulla de 20 de Dezembro, prohibiu lhes escravisar os indios paraguayos, vendel-os ou compral-os, separal-os de suas mulheres e filhos, despojal-os ru seus bens, tirar-lhes a roupa, deixal-os dns, a fim de converter tudo em proveito da companhia de Jesus.

Em 1742—a 4 de Fevereiro, o concelho da Bolonha expulsou-os a pedido do todos os representantes dos corpos e officios.

Em 1757—foram expellidos do Paraguay, cujas riquezas haviam subtrahido, reduzindo á pobreza milhares de habitantes.

Em 1759—a ordem de Loyola foi expulsa de Portugal. Os arcebispos fizeram por essa occasião sobre os jesuitas as mais severas censuras.

Em 1762—o parlamento de Paris supprimiu, por unamidade, a instituição dos jesuitas em França, declarando-a incompativel com um paiz civilisado e contrária ao direito natural.

Em 1764—por um edicto perpetuo e irrevogavel, datado de 1 de Dezembro, o rei de França ordenou que fôsse banida do reino a sociedade dos jesuitas.

Em 1767—a 2 d'Abril, Carlos III de Hespanha mandou prender os jesuitas, convictos de terem empolgado riquezas immensas e de provocarem a guerra civil. Expulsou-os de seus estados e confiscou-lhes os bens.

Nesse mesmo anno de 1767, a pedido do mesmo rei, os estados de Napoles e de Parma os repelliram e confiscaram as suas riquezas.

Em 1773—o papa Clemente XIV decretou a abolição da ordem dos jesuitas «em toda a terra», declarando «impossivel conseguir para a Igreja uma paz solida e duradoura, emquanto existisse tal sociedade».

Em 1816—foi expedido o edicto do imperador Alexandre expulsando-os da Russia. Diz esse documento:

«Plantaram a discordia e a animosidade no seio das familias; desligaram o pae do filho, o filho do pae e da mãe: semeiaram a divisão entre os filhos da mesma familia.

«Que estado póde supportar em seu seio esses entes perversos, que espalham por toda a parte o odio e as desavenças?»

Em 1873—um decreto do ministerio da justiça de Hespanha supprimiu a companhia de Jesus na peninsula e nas colonias. Esse decreto ordenou o fechamento de todos os collegios e instituições dos jesuitas no prazo de tres dias. Os bens moveis e immoveis, pertencentes á Ordem de Loyola, foram confiscados em proveito da nação.

«Pronunciar, nesta epocha, o nome «jesuita,» a palavra «inquisição,» diz um grande escriptor, é fazer surgir dos seculos passados um mundo de espectros, ante o qual o novo seculo estremece e se irrita, porque esses espectros são perante a consciencia da humanidade, o testemunho das victimas do fanatismo «religioso.»

O Sr. Jeronymo Sodré:—Isso nada prova: era a preseguição ao catholicismo

O Sr. Saldanha Marinho:—Não é, nem foi perseguição ao catholicismo. Foi, é, e será a condemnação dos crimes que são como que da essencia dessa creação tenebrosa.

Pois é possivel que fôsse perseguição, quando todo o mundo civilisado condemnava todos esses perturbadores da consciencia e da paz?!

Perseguição faremos nós a nós mesmos, se consentirmos que, essa horda infernal, sob qualquer caracter, com qualquer habito, e qualquer destino, se introduza no Brazil e adquira preponderancia.

E tanto não tem sido uma perseguição ao catholicismo, que até a propria igreja romana os tem condemnado muita vez.

Clemente XIV, como já vimos, tanto reconheceu que essa gente era perniciosa não a uma só nação sómente, mas á humanidade inteira, que decretou a abolição dos jesuitas em toda a terra, declarando impossivel conseguir para a Igreja uma paz solida e duradoura emquanto exististisse tal sociedade.

O Sr. Jeronimo Sodré:—E' preciso que compare a lettra da bulla com os regulamentos que existiam.

O papa quiz reformar e o geral não aceitou a reforma, declarando—«sint ut sunt aut non sint».

O Sr. Saldanha Marinho:—E o que são ainda hoje?

O Sr. Jeronimo Sodré:—Não alterem a historia d'esse modo.

O Sr. Saldanha Marinho:—Não sou eu que altero a historia; exhibo apenas o que ella contém e faço-o lealmente.

Os que, no empenho de defender o que é indefensavel, procuram amoldal-a a seu intento, é que a deturpam.

Os nobres deputados devem confessar que quando todos os povos se pronunciam harmonicamente contra uma qualquer instituição, está ella irremissivelmente condemnada.

E' impossivel que todas as nações, e com diversas fórmas de governo, se harmonisem em um só pensamento, proscrevendo essa maldicta seita de todos os lugares onde ella queira ou tenha ascendencia, sómente no triste intuito de chegar a um unico fim, o de perseguição ao catholicismo.

A opinião contra esses homens está inabalavelmente formada.

«Os jesuitas e os que os seguem, diz Ballanche nas suas instituições sociaes, professam obediencia passiva, e procuram dominar os espiritos sacrificando a vontade e a liberdade.

«Uma sociedade que só se apoia no passado, e não no futuro de um povo, ou do governo humano, é uma sociedade essencialmente perversa.

«Considero os jesuitas como um instrumento irracional que nos quer tornar chinezes.

«Não podem crêr em uma era nova, sem que deixem de ser o que elles são.»

Não foi de certo o espirito de caridade ou de religião que os lançou no campo vasto do commercio.

A companhia de Jesus levantou em diversos paizes grandes estabelecimentos bancarios, por via dos quaes se apossou das fortunas particulares, e conseguido isso se constituiu em estado de fallencia, sendo considerada desde logo bancarroteira fraudulenta, deixando arruinadas, e reduzidas á miséria, innumeras familias, que d'ella confiaram seus cabedaes.

O Sr. Monte:—Não apoiado.

O Sr. Saldanha Marinho:—Oh! senhor! Como negar uma verdade historica, contra a qual, nem os proprios jesuitas protestaram?

O Sr. Monte:—É uma ordem a que a humanidade deve innumeros serviços. V. Ex.ª disse que não queria descer a personalidade e está descendo: dessa maneira provoca os ápartes.

O Sr. Saldanha Marinho:—Não personaliso; relato factos incontestados na historia.

O Sr. Monte dá um aparte.

O Sr. Saldanha Marinho:—Não digo que não houvesse homens distinctos especialmente quando até monopolisaram as sciencias, mas hoje, e quando o pouco que houve de bom desappareceu, essa instituição se constituiu o flagello da humanidade.

Todos lhe votam horror.

O Sr. Monte:—Não apoiado.

O Sr. Saldanha Marinho:—Defendam-nos como lhes parecer, mas o farão sómente para constar, e nunca por convicção.

Fazendo, como fáço, o melhor conceito do caracter dos que ora me combatem nesta materia, permittam-me os nobres deputados que lhes diga, que não creio na sinceridade de que se mostram desejosos de verem estabelecidos entre nós os jesuitas.

Nenhum brazileiro que deseje a felicidade de sua patria póde desejar que nella se implante a mais perigosa das seitas. Nenhum quererá que a melhor arma do obscurantismo venha entre nós ser posta em acção. Ninguem trocará pois, pelo prazer de uma indebita protecção, o aniquilamento da sua liberdade, o abatimento e a escravidão da consciencia.

O Sr. Monte dá um áparte.

O Sr. Saldanha Marinho:—Diga V. Ex.ª o que quizer, não accreditam neste seu empenho: prezo-o muito, e eu lhe faria a mais revoltante das injustiças acreditando no que tenho ouvido neste debate.

(Continúa)

(solução d'acido sulfurico, chlorureto de cal etc.)

3.º *Despejos*—Obrigação de limpar os charchos com a ajuda de vasos herméticos influenciados pelo vapor, dessinfectando-os com uma mistura centesimal de clorureto de zinco ou de leite de cal obtido dissolvendo dois kilogrammas de chlorureto de cal secca em cincoenta litros de agua.

4.º—*Agua para beber*. Obrigação imposta ás auctoridades de só distribuir aguas de bôa qualidade.

BAIRRADA

Deu-se já o primeiro tratamento pelo sulfureto de carbono ao foco philloxerico encontrado na Bairrada. E antes de mais nada, precisamos fazer umas pequenas rectificações.

A vinha em que se encontrou o philloxera está parte d'ella situada no limite da freguezia de Casal Comba e parte pertence á freguezia da Vacariça, ambas do concelho da Mealhada, onde a inspecção deve terminar esta semana. E' uma propriedade grande, plantada ha poucos annos e que terá de 60 a 80 milheiros de bacellos. Pertence ao sr. Antonio João Couceiro Junior, proprietario e commissario de vinhos residente no logar de Casal Comba.

O foco philloxerico terá de 400 a 500 metros quadrados de extensão. O sr. Couceiro deseja inutilisar completamente as videiras attacadas e n'esta conformidade a doze de sulfureto applicada é para as matar.

Tinha-se dito que a casta attacada era o «carrasquenho» introduzido de Torres Novas pelo sr. Couceiro.

Tambem devemos rectificar que n'aquella casta de uvas não se encontrou o philloxera, mas sim na qualidade denominada «baga» e que é muito vulgar na Bairrada. Affiança o sr. Couceiro que não recebeu bacellos de Torres Novas, mas sim de Alemquer, onde não ha ainda reconhecimento da philloxera.

Crê se, com quanto não haja dados sufficientes para o affiançar, que a nodoa encontrada na vinha de que tratamos proviesse pela invasão de Sousellas.

Como quer que fosse, é certo que o mal já está na Bairrada e pode generalisar-se, compromettendo todos os vinhedos d'aquella rica região vinhateira.

Diante d'esta situação pouco lisongeira, continuamos a lamentar que os viticultores não comprehendam ou não queiram comprehender o que devem fazer.

CARTAS

Lisboa 20 de julho.

O grande calor que nos suffoca, as más condicções hygienicas de Lisboa fazem com que a população da capital ande bastante assustada com o desenvolvimento do cholera.

A terrivel doença espalha-se com notavel rapidez no Egypto, e é possivel que passe á Europa. Entretanto que faz o governo? Tomou umas certas medidas contra as proveniencias egypcias, é facto, mas deixou o paiz franco ás proveniencias inglezas, de maneira que estâmos do mesmo modo sugeitos á invasão cholerica.

A Inglaterra não só introduziu a epidemia no Egypto, como ainda a quer introduzir nos paizes da Europa. Da parte d'ella não nos admira tal conducta, porque é já tradiccional o seu egoismo avarento e a sua velhacaria refinada; o que nos espanta é que a Europa a não obrigue com energia a cumprir o seu dever.

Tambem nos faz pasmar a indifferença com que os jornaes de Lisboa contemplam o facto. Nós esperavamos vê-los abrir campanha valente, energica, constante, contra o nosso governo a fim de o obrigar a fechar o paiz aos homens e productos inglezes.

Mas não senhores; referem-se ao caso n'umas pequenas noticias e deixam correr.

Que sociedade tão decadente! Bem se vê que Portugal em pouco differe do Egypto. Por isso estará merecendo talvez os grandes cataclismos que cahiram sobre aquelle pobre paiz.

—Correm boatos de crise ministerial. Não sei se o ministerio tem ou não vontade de se ir embora; mas se a não tem, deveria-a ter. Isto vae de mal para peior. As despezas augmentam successivamente e as receitas diminuem. Os jornaes da opposição atacam o rei e o governo, rasgando-lhe a pelle com ferro quente, emquanto os papeis do ministerio deffendem aquelles tão frouxamente que bem indicam a verdade das accusações.

Pelos ministerios vae uma desordem incrivel Os *comedores* affluem alli aos milhares e o Fontes, Hintze e Serpa, apezar da sua provada devassidão, lançam as mãos á cabeça declarando que já os não podem aturar.

O desprestigio da monarchia cada vez é maior. Está-se afundando n'um pantano de miserias. Tantas podridões, reveladas dia a dia ha uns poucos d'annos, e a augmentarem, sempre a augmentarem cortam-nos a alma. O que ha de sêr de nós? Quem ha ahi que tenha força para endireitar isto?

E o povo estupido que nada vê, e que tão tristemente se está suicidando! Oxalá que surja para elle a aurora da redempção.

—Os habitantes da ilha de S. Miguel revoltaram-se com fome. Pediram pão e apanharam chumbo. Os infelizes, vendo a enorme carestia dos generos de primeira necessidade, perderam a cabeça e invadiram os armazens de milho. Veio a tropa e matou uns poucos.

Que desgraça! Mas o rei passêa e folga. A rainha anda na pandega mais os filhos. Para a corte, luxos, grandezas, prazeres, folganças. Para o povo fome e balas.

Ah! loucos, que tão levianamente preparaes a revolução!

—Espera-se aqui o ex-bispo de Angola, hoje patriarcha de Lisboa. Affirma-se que o homem se tem visto perdido com cartas, sollicitando-lhe empregos no patriarchado.

E' um grande jesuita. *Y.*

A festa nacional francesa de 14 de julho foi imponentissima. O povo associou-se a ella com grande enthusiasmo, acclamando a Republica em toda a parte com delirio. Os monarchicos devem andar de beiça cahida. Sempre a darem a Republica franceza por morta e as manifestações populares, tanto em França como no estrangeiro a desmentirem-nos abertamente.

Descançae egoistas. Nós viveremos, apezar das vossas manhas secretas. E vós morrereis, porque a vossa morte está predita pela sciencia. Ahi tendes um trecho significativo d'uma carta dirigida ao «Primeiro de Janeiro», jornal monarchico e portanto insuspeito:

«A manhã appareceu ensombrada de umas brumas cinzentas e mal intencionadas.

E durante o dia, ali dos lados de Versalhes, levantavam-se, embora com largos intervallos, umas nuvens negras carregadas de electricidade, que impellidas por um vento rijo atravessavam o céo, despejando ao longo dos enfeitados boulevards umas bategas reaccionarias que nem tinham a côr nevada da bandeira legitimista nem as scintillações rubras do estandarte de Rochefort.

A despeito, porem, d'esta má vontade do tempo, Paris amanheceu com vestes festivaes, e de um humor alegre e prazenteiro.

Tinha a fronte engrinaldada de bandeiras tricolores, aos pés o enthusiasmo de um povo, e na consciencia satisfeita a recordação d'aquelle dia 14 de julho de 1789, em que na historia da liberdade inscreveu o seu nome com letras d'oiro.

Os jornaes legitimistas d'esse dia, e nominalmente o «Figaro», inseriam nas suas columnas os ultimos telegrammas referentes á molestia do conde de Chambord, e mais incitavam Paris a fazer preces pelo restabelecimento do illustre enfermo de Frohsdorff, do que a commemorar com festas e galas um acto *reaccionario* dos irrequietos subditos de Luiz XVI.

Baldada tentativa, inutil admoestação.

O pensamento d'este povo não admitte mais as peias de um convencionalismo futil, e mau grado a grave enfermidade do descendente dos seus antigos reis, «Paris s'amuse» sem constrangimentos ou apprehensões pelo futuro.

É que para os parisienses, se não para todos os francezes, o conde de Chambord já de ha muito deixou de ser um principio para ser uma individualidade, e Paris, com o egoismo peculiar a todas as collectividades, nem se detem muito tempo a contemplar o leito onde agonisa um homem, nem por este facto se cohibe dos seus caprichos e dos seus habitos.

Quem no dia de hontem não receiasse ser colhido por algum formidavel aguaceiro, ou esprimido ao atravessar os grandes ajuntamentos, tinha occasião de verificar uma coisa, a meu ver, altamente lisonjeira para os parisienses:—a sua adhesão aos principios liberaes por que se regem, e o enthusiasmo com que relembram os grandes feitos da sua soberania.

Na festa de 14 de julho não ha distincção de sexo nem de edade, não ha mesmo distincção de classe a não serem alguns poucos ambiciosos que ainda pensam em resuscitar os tempos idos: todos festejam com patriotica solicitúde e religiosa gratidão este dia que marca o principio da sua remissão de tantos seculos de vexames.

Na mais insignificante e esconsa rua de Paris, onde hontem se passasse, a vista dava de frente com uma infinidade de bandeiras tricolores pendentes de todas as janellas, hasteadas em todas as sacadas, e offerecendo, n'aquelle conjuncto das 3 côres, um bello effeito.

. . . . . .

Ao reparar-se na pacifica attitude d'este povo, chega-se a duvidar que entre elle haja leitores para os artigos incendiarios do «Intransigeant» de Rochefort, ou ouvintes para os discursos demagogicos de Luiza Michel; e é necessario contemplar na frontaria de alguns edificios publicos um resto de vestigios do incendio, para se chegar á convicção de que foi aqui, no meio d'este mesmo povo, que um dia imperou a Communa.

Tal foi a metamorfose que se operou no espirito dos parisienses em bem da causa da patria e por amor ao direito e á justiça.

Era bello observar a norma de conducta de todas as classes sociaes que vieram juntar se na praça publica para render culto a uma grande data nacional: todas caprichavam em mostrar a sua adhesão á festa d'aquelle dia.

O operario vestido a caracter, de roupa branca com faxa azul e vermelha, ou cobria a cabeça com o tradicional barrete frigio, ou encimava o chapeo de palha por uma pluma tricolor.

O burguez, mais emancipado do trabalho, denunciava-se por uma pequena chapa allegorica da Republica, pendente da golla do paletot, d'entre um laço de fita com as côres nacionaes.

O elegante *habitué* dos cafés e dos boulevards trazia preso á *boutonnière* um pequeno cravo artificial em que se destacavam as mesmas côres.

O opulento banqueiro ou negociante os mimosos da fortuna que podem n'estes dias percorrer as avenidas em magnifico *landau* tirado por dois excellentes *trotteurs*, passavam de vez em quando, ou mostrando orgulhosamente aos olhares do povo uma filhinha vestida com os trajos da Republica, ou trazendo elles mesmos um qual quer distinctivo tricolor.

Nas *brasseries*, especie de restaurantes servidos por graciosas raparigas, as *bonnes* trajavam vistosamente as côres nacionaes; e, pelas ruas não era raro encontrar as mulheres dos operarios vistosamente decoradas com o barrete republicano.

Mas nada mais seria preciso para attestar o enthusiasmo dos parisienses por esta festa, e o seu amor ás instituições que os regem, do que a inauguração da estatua da Republica, enorme colloso de bronze que desde hontem brilha a descoberto em meio da antiga praça do Château-d'Eau.

Quando ás 9 horas da manhã, á chegada do presidente e membros do conselho municipal de Paris, do prefeito do Sena, do general Thomas, commandante da guarnição, e de grande numero de senadores e deputados se tirou o pano que occultava a estatua, ouviu-se unisono, vehementissimo, o grito de *Vive la République!* soltado por mais do 100 mil vozes

E durante os discursos pronunciados por M. Mathé, presidente do conselho municipal, e por M. Oustry, prefeito do Sena, mais de uma vez o enthusiasmo popular se manifestou abafando a voz dos oradores.»

Realisou-se no domingo passado, a eleição da Associação de Soccorros Mutuos das Classes Laboriosas.

Os membros d'aquelle estabelecimento importante demonstraram mais uma vez o nenhum caso que fazem d'elle.

Com effeito, deu-se a circumstancia singular de metade dos associados não haverem sido avisados, por culpa do sr. presidente da assembléa geral do anno preterito ou por culpa do empregado encarregado de transmittir os avisos. De maneira que só esse facto basta para annullar a eleição, visto o § 2.º do art. 46 impôr o dever de se convocar os socios *por avisos individuaes*, o que não aconteceu.

Da outra metade avisada apenas compareceram 16 individuos, que procederam ao acto eleitoral

Bem bom! Temos portanto uma associação de 400 individuos regida por um certo numero de cavalheiros eleitos por 16 socios.

E não quer a sociedade estar em decadencia. Ha de se enterrar cada vez mais no lôdo em que ha muito se revolve, sem lastima de ninguem. Os membros da Associação de Soccorros Mutuos teem demonstrado um tal desleixo pelos seus interesses, uma tão grande indifferença pelas suas necessidades, que tiram todo o enthusiasmo aos poucos que ainda amam a sua terra e que teem desejos de trabalhar por ella.

O monte pio está em baixo, reduzido ás ultimas circumstancias. Todavia, quando chega o momento de tentar um esforço para o erguer, metade dos socios não são avisados para assistirem ao acto eleitoral, e da metade avisada apenas comparecem 16.

Ora bolas! Bem dizia o jornalista granjola:

Albarda, real senhor, o povo quer albarda.

O *Campeão* publica um documento engraçadissimo, que nos dá uma edêa exacta das *sabedorias* d'um *sabio*, que para ahi anda a massar a humanidade com extractos d'alfarrabios velhos.

Já conheciamos o valor d'aquelle *sustentaculo* da realesa, mas sempre é bom que mais alguem o conheça.

Agora uma pergunta: quem seria o infeliz que aguentou com a tarefa de lhe rever os livros? Safa, antes ter uma philarmonica por debaixo do quarto de dormir.

Eis o documento:

João Augusto Marques Gomes, cartorario da Santa Casa da Mizericordia d'Aveiro.

Certefico (*sic*) em virtude do despacho recto (sic) que revendo o livro da matricula dos irmãos d'esta Santa Casa, não encontrei n'elle os nomes de José Ferreira Barboza e Thomás de Ma-ttos (sic) Junior, mas sim os de José Ferreira Barbêiro e Thomás de Mattos, e bem assim certefico (sic) que nos cadernos que serviram no dia 9 do corrente na eleição da Meza Admenistrativa (sic) se encontram os nomes de José Ferreira Barboza e Thomás de Mattos Junior e nada mais contem o dito livro e caderno, aos quaes me reporto.

Aveiro e salla do despacho da Santa Casa da Mizericordia 11 de julho de 1883.

João Augusto Marques Gomes.

Realisa-se no proximo domingo a mascarada do bispo... Ha foguetorio, musica, o diabo.

Consta-nos que tambem ha vivorio, havendo sido encommendado á empreza Inverno & Companhia. Se fôr gratuito o espectaculo lá vamos e narral-o-hemos aos leitores.

O *Campeão das Provincias* não respondeu ao nosso emprazamento. Fica portanto de pé tudo quanto lhe dissemos.

Morreu o sr. Domingos Ferreira Pinto Basto, membro d'uma familia muito conhecida no districto.

Sentimos.

Um membro da Associação Aveirense de Soccorros Mutuos das Classes Laboriosas foi eleito no domingo passado vogal da Direcção. Ora esse individuo, fundando-se no artigo 39, abaixo transcripto, dos estatutos da mesma sociedade, officiou ao presidente da assembléa geral fazendo-lhe notar a nullidade da sua eleição.

O presidente respondeu-lhe com o officio que se segue:

«Ill.mo Sr. Dispondo o arti.º 39.º dos Estatutos que todos os socios effectivos são obrigados a acceitar os cargos da Associação, para que forem eleitos, só podendo ter escusa em Assembléa geral, salvo no caso de reeleição, não é da minha competencia conceder a v. s.ª a exoneração que solicita em seu officio de 17 do corrente visto que tendo v. s.ª exercido na gerencia passada o cargo de vogal da Commisão fiscal, agora foi eleito vogal da Direcção, não podendo porisso ser considerada reeleição. O Presidente da Assembléa geral. João Maria Garcia.»

Valha-nos Deus! Quem tem presidentes assim não vae longe. Diz o artigo 39.

«Todos os socios effectivos são obrigados a aceitar os cargos da associação, para que forem eleitos e só poderão ter escusa em assembléa geral, salvo nos casos de reeleição, em que só servirão, declarando que aceitam os cargos para que foram eleitos.»

Mas o sr. João Maria Garcia entende que se não pode considerar reeleição o facto d'um individuo, que serviu o anno preterito como vogal da commissão fiscal, sêr eleito vogal da direcção no anno corrente. Por aquelle julgar, um socio pode sêr eleito n'um anno presidente da assembléa geral, no outro vice presidente e assim a seguir 1.º secretario, 2.º secretario, presidente da direcção, vice presidente, secretario, thesoureiro, vogal, presidente da commissão fiscal, secretario e vogal, voltando no fim de treze annos a percorrer esta escala successivamente até morrer.

Outra vida!

Não queremos mal ao sr. presidente do monte pio e por isso lamentâmos que ignore o que significa a palavra reeleição, e que não haja lido o art. 39 até se convencer de que elle não diz que reeleição quer dizer—eleito de novo para o mesmo cargo.

O *Campeão* tem dito que a commissão districtal do recrutamento livrou do serviço do exercito um certo individuo como amparo do pae, quando este é novo e vigoroso, sem familia demais a mais para sustentar, porque é só elle e a mulher.

O *Campeão* diz a verdade. Saiba-se, porem, que o tal individuo não podia sêr isento do serviço militar sem os convenientes attestados do parocho e do administrador.

N'esses attestados affirmava-se que o rapaz era realmente o amparo dos paes; logo eram falsos.

Agora uma circumstancia. No dia da eleição da Santa Casa, o pae do isento esbravejava em amor pharisaico pela lista vencedóra.

O padre, coripheu progressista, que se achava ao lado, exclamou a meia voz:

—Ah, meu pa.... quando andavas a pedir attestados não fallavas assim.

Tudo podre. E os progressistas apregôam moralidade!

Taes são uns como outros.

O serviço do correio no nosso paiz é um *primor*!

Todos os dias estamos a receber queixas dos nossos assignantes, uns porque não recebem o jornal, outros porque o recebem passados alguns dias depois da sua publicação.

Pois o nosso jornal é enviado com toda a regularidade no dia da sua publicação, e todas as faltas e irregularidades que os nossos estimaveis assi-

gnantes soffrerem, podem sem a menor duvida, accusar os empregados dos correios, unicos culpados das irregularidades e faltas que se derem.

Ainda esta semana recebemos duas queixas, uma d'um assignante de Esgueira por não ter recebido o jornal que nós lhe enviamos e que deu entrada no correio geral d'esta cidade, e outra, d'um assignante da Pampilhosa dizendo que recebe o nosso jornal com muito atraso.

Este serviço anarchico dos correios não pode continuar, e se não derem as necessarias providencias para terminar o pessimo serviço que por toda a parte se faz, nós vamos abrir uma secção especial para tratarmos do serviço dos correios e telegraphos, zurzindo sem piedade os empregados pouco zelosos no cumprimento dos seus deveres.

A instrucção está fatalmente condemnada em Portugal! Por um lado a incuria dos governos monarchicos deixando morrer de fome os professores, por outro lado, o desleixos d'alguns professores despresando completamente as escolas a seu cargo!

Somos informados que o professor d'instrucção primaria de Luzo, tem um hotel e que apenas se emprega na administração d'esta caza de negocio, despresando a escola e deixando ao abandono os alumnos que a frequentam.

Ora quem padece com as faltas do professor de Luzo, são os alumnos, porque frequentam uma escola que não tem professor e acnde nada podem aprender.

E' para os abusos que o professor de Luzo está praticando, abusos com a circunstancia aggravante de prejudicarem a instrucção, que nós pedimos á autoridade competente as mais inergicas providencias, obrigando este professor a cumprir com os seus deveres.

Paguem com pontualidade os magros ordenados á infeliz classe dos professores, mas obriguem-nos a cumprir com os seus deveres e castiguem os que commetterem faltas indenticas aquellas, que está commettendo o professor de Luzo.

ANNUNCIOS

De quem se vê bordejando,
Fazendo s s s na rua
Diz-se Que grande perúa,
Effeitos do carrascão!
De quem bebe do Madeira,
Do Porto do Eduardo,
Ouve-se, apenas, do lado
—Vai alegre o figurão!

*

É torpe entrar na taverna,
Onde ha somente o rascante:
Um acto, porem, chibante
Decerto praticareis,
Se beberdes licôr fino
Do Porto ou da Madeira

AOS BALCÕES, NO 26.

VENDEM-SE

Duas commodas de nogueira preta de raiz, com pedras de marmore branco.

E' o mais bonito e melhor que se pode encontrar em nogueira preta.

Quem as desejar vêr e comprar, pode dirigir-se á

5—Rua d'Alfandega—6

!NOVIDADE!

Ourivesaria Manufactora

14—RUA DAS BARCAS—16

AVEIRO

José Eduardo Mourão

BAIXA DE PREÇO

Sabão amarello gordo de boa qualidade a 1:600 reis por cada arroba antiga (14,688) e a retalho a 120 reis o kilo, vende se na loja de Fernandes Melicio na rua Direita em Aveiro.

ATTENÇÃO

João Antonio da Graça acaba de receber um grande sortido de balões venezianos, assim como uma grande collecção de bandeiras, as quaes aluga por preços muito commodos.

O mesmo annunciante se encarrega da collocação de illuminação nos arraiaes, assim como adornamentos de ruas.

Aveiro, Rua de José Estevão n.º 24.

ENCADERNADOR

93---RUA DIREITA---93

AVEIRO

Nicolau A. S. Guerra, acaba de abrir a sua officina, na Rua Direita n.º 93.

Encarrega-se de toda e qualquer encadernação por preços excessivamente modicos; garante a promptidão e perfeição do seu trabalho.

NUNCA MAIS

gastará dinheiro em solas nem tacões, quem usar os portectores do calçado, invenção previlegiada de John Blakey.

Vendem-se pelo modico preço de 200 rs. na loja de tamancaria de Manoel dos Reis S. Thyrso.

13—Rua dos Tavares—13

(á Praça da Fructa.)

AVEIRO

NO PRELO

Musa Velha

POR

FRANSISCO PALHA

Um volume em papel *chamois* e typo elzeviriano.

PORTO

ERNESTO CHARDRON, EDITOR

SINGER!

A MAIS IMPORTANTE COMPANHIA DO MUNDO!

GRANDE NOVIDADE

A COMPANHIA FABRIL SINGER

apresenta ao publico um magnifico sortido das suas excelentes e mais modernas

PRIVILEGIO EM PORTUGAL POR 20 ANNOS

GARANTIA POSITIVA E ILLIMITADA

DE

LANÇADEIRA OSCILLANTE

E'esta a revolução mais completa que tem havido nas machinas de custura; trabalho facil e perfeito.

O pesponto o mais ellastico e o mais perfeito.

Para se convencerem da verdade vinde ás casas abaixo indicadas onde se darão todos os esclarecimentos.

ENSINO GRATIS! CONCERTO GRATIS!

500 reis semenaes, e 10 por cento a dinheiro.

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

COMPANHIA FABRIL SINGER

75, Rua de José Estevão, 79

Pegado ao Edificio da caixa Economica

AVEIRO

52, Largo da Praça, 53

OVAR

N. B. Em Espinho vende-se tambem na casa de Carlos Evaristo Felix da Costa.

TOUROS TOUROS

PRAÇA DE TOUROS

EM

AVEIRO

Hoje 22 de julho, ás 5 h. da tarde

Em beneficio de Antonio Salau

Haverá hoje na praça de S. João, d'esta cidade, uma brilhante corrida de seis bravissimos touros escolhidos com o maior capricho para esta festa, na qual toma parte por especial obsequio o distincto cavalleiro amador, Ex.mo Sr. José Maria de Lemos Junior.

O beneficiado, não se popando a despezas e empregando todos os esforços e vencendo todas as difficuldades para que esta brilhante corrida nada deixe a desejar ao respeitavel publico aveirense, contractou o **notabilissimo artista JOÃO PEDRO**, o qual apresentará extraordinario e surprehendente trabalho gymnastico e tauromachico.

Este difficultoso trabalho exhibiu-o João Pedro pela primeira vez na Praça do Campo de Sant'Anna, onde obteve uma grande ovação. Foi realmente assombrosa tão arrojada tentativa.

Este artista esperará á porta da gaiola um dos touros em posição inversa, isto é, de pés para cima e cabeça para baixo, e collocará assim no mesmo touro um par de banbarilhas com denodo e galhardia.

O resto dos camarotes acham-se á venda na loja do sr, Gamellas á Praça do Peixe.

PREÇOS

Camarotes de sombra, 1$500 rs.—Ditos de Sol, 1$000 rs.—Superior 240 rs.—Sombra, 160 rs.—Galerias 140 rs.—Sol 120 rs..

THEATRO AVEIRENSE

Duas unicas recitas dadas pela Companhia do Theatro do Gymnasio de Lisboa, da qual fazem parte a actriz D. Lucinda Simões e o actor Furtado Coelho, com o

Demi-mondi—e Thereza Raquim.

Preço por assignatura para cada recita—camarotes de frente 2$500, avulso 3$000; ditos do lado 2$250, avulso 2$500; ditos de 2.ª ordem 1$800 avulso 2$000; frizas de frente 2$250, avulso 2$500; ditas de lado 2$000, avulso 2$250; cadeiras 600, avulso 700; superior 400, avulso 500; geral 240, avulso 300; galeria 160, avulso 200.

A companhia vem inpreterivelmente, os dias das recitas serão annunciados com antecipação.

A assignatura já se acha aberta em casa do sr. Eduardo Ferreira Osorio. (Antiga loja de A. Pinheiro)

OFFICINA DE SERRALHARIA

DE

JOÃO AUGUSTO DE SOUZA

4----Largo da Apresentação----6

EM

AVEIRO

N'esta officina fazem-se portões, grades, lavatorios, fogões, e camas de preço de reis 8$000 a 1$400.

DOMINGOS LUIZ VALENTE D'ALMEIDA

COM

OFFICINA DE SERRALHARIA

EM

AVEIRO

FORNECE lojas de ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os systemas, parafusos de toda a qualidade; ferragens estrangeiras, camas de ferro de armar sem parafuzo do preço de 1$900 a 9$000, fogões chumbo em barra, prego d'arame, bico de cobre, de ferro, balmazes de latão, carda ingleza, panellas de ferro, balanças decimaes, e tudo pertencente ao seu ramo.

Preços sem competencia.

Fabrica de Bolacha e Biscoutos

DE

AUGUSTO DA SILVA TEIXEIRA

CONVENTO DA ESTRELLA

COIMBRA

BOLACHA	Kilo
D. Luiz	220 rs.
Franceza 1.ª	230 »
» 2.ª	210 »
Agua e Sal 1.ª	240 »
» » 2.ª	230 »
Leve	210 »
Torrada	240 »
Requife 1.ª	360 »
» 2.ª	260 »
» 3.ª	220 »
Erva doce	170 »
Amores	360 »
Pão de Ló em fatia torrado	
Pemzinhos	360 »
Primores	400 »
Bolo inglez, duzia	200 »

BISCOUTOS	Kilo
Limão 1.ª	220 rs.
» 2.ª	210 »
Canella 1.ª	220 »
» 2.ª	190 »
Lacinhos	250 »
Suissos	400 »
Belgas	320 »
Paciencias e Marialvas	400 »
Linguas de gato	400 »
Palitos amendoa 1.ª	360 »
» » 2.ª	320 »
Canella	220 »
Limão	240 »
Deliciosas	320 »
Estrellas	400 »
Corôas a Camões	320 »
Marquinhas	320 »
Pauperios e Bisc. Porto	220 »

N. B.—Os preços acima mencionados não tem desconto.

COMPANHIA

DAS

Messageries Maritimes

(8) (23)

A Empreza protectora, por contracto com a dita companhia offerece passagem nos magnificos paquetes francezes a sahirem de Lisboa: GERONDE em 23 de julho Pernambuco, Babia Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Ayres. — CONGO em 8 de agosto, directamente ao Rio de Janeiro, Montevideu e Bueno Ayres.

A mesa de 1.ª classe é commum para os sr.es passageiros de 2.ª.

Tracta-se em AVEIRO, Agencia Central, com PAULO DE SOUSA PEREIRA

48 =RUA DE JOSÉ ESTEVAM= 50